

## Meu nome é “Híbrida”: Corpo, gênero e sexualidade na experiência drag queen

*My name is “Hybrid” Body, gender and sexuality  
in the drag queen experience*

**Joseylson Fagner dos Santos\***

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

[jofagner@gmail.com](mailto:jofagner@gmail.com)

### Resumo

Homem e mulher, feminino e masculino: o comportamento social dos indivíduos é norteado por dicotomias que encontramos em corpos aprendidos e disciplinados. Nesse sentido, os papéis sociais de gênero vêm a ser fatores de diferenciação sexual, de forma a orientar a inteligibilidade dos corpos, através construções sociais de códigos estéticos, funcionais e comportamentais. A drag queen – representada como um corpo onde os papéis sociais de gênero encontram-se justapostos – apresenta, através da performance, a possibilidade de ressignificar as relações fixas entre gênero, corpo e sexo. Enquanto indivíduo que opera na transformação estética e comportamental de seus papéis de gênero, a drag permite pensar numa desnaturalização dos laços que envolvem esses conceitos. Diferente do travesti e do transexual, a drag queen questiona a fixidez de questões “hetero-normativas” através de um ato performativo, onde o corpo adquire signos específicos do sexo feminino e aplica a um corpo masculino, tornando-se “queer”. A experiência do corpo drag representa uma possibilidade de verificar o momento em que a normatividade da relação entre corpo, sexo e gênero entra em desconstrução, resultando num corpo híbrido. O artigo se propõe à reflexão sobre a formação da dicotomia masculino/feminino e a produção performativa de corpos drag.

**Palavras-chave:** drag queen; gênero; corpo; sexualidade

### Abstract

Man and woman, male and female: the social behavior of individuals is guided by dichotomies found in learned bodies and disciplined. Accordingly, the social roles of genre come to be sexual differentiation factors to guide the intelligibility of the bodies, through social constructions of aesthetic, functional and behavioral codes. The drag queen – represented as a body where the gender social roles are juxtaposed – introduces, through performance, the possibility of re-mean fixed relations between gender, body and sex. While individual who operates in the transformation of their aesthetic and behavioral gender roles, the drag allows thinking a denaturalization of ties involving these concepts. Different from the transvestite and transsexual, the drag queen questions the fixity of issues "hetero-normativas" through a performative Act where the body acquires female specific signs and applies to a male body, becoming "queer". The experience of the body drag represents a possibility to check the time that the normative relationship between body, sex and gender into deconstruction, resulting in a hybrid body. The article purports to reflection on the formation of male/female dichotomy and the production of performative drag bodies.

**Keywords:** drag queen; gender; body; sexuality

---

\* Mestrando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, bolsista de dedicação exclusiva pelo CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

## Meu nome é “Híbrida”: Corpo, gênero e sexualidade na experiência drag queen

### . Introdução

Corpos ambíguos, artificialmente híbridos e construídos para o espetáculo, o corpo drag atrai olhares e divide opiniões. A transformação de gênero encontra lugar no campo discursivo a partir do momento em que o corpo passa a servir de suporte para a transgressão de fronteiras sociais do que se entende por masculino e feminino. Nesse sentido, drag queens e drag kings são personagens que utilizam da linguagem da teatralização para representar identidades tecidas através de uma relação íntima entre performance e estética e que atuam na discussão sobre a flexibilidade das questões de gênero responsáveis pela inteligibilidade dos sujeitos na sociedade.

A primeira imagem que vem à cabeça quando proponho discutir relações de corpo, gênero e sexualidade é uma das campanhas de divulgação do filme norte-americano *Transamérica* (2005). O pôster é ilustrado por pela figura de uma mulher de costas diante de duas portas, sugerindo sem de banheiros, cada uma sinalizada com uma placa que indica o masculino e o feminino. O longa-metragem mostra a trajetória de um indivíduo em processo de preparação para uma cirurgia de redesignação sexual, que terá papel fundamental na realização pessoal do protagonista: a transformação definitiva do seu corpo de homem em um corpo de mulher. A narrativa do filme baseia-se na recém-descoberta da paternidade pelo personagem de Felicity Huffman (que interpreta Bree/Stanley Ousborne), na situação em que se vê obrigada a lidar com essa situação antes de se submeter ao procedimento cirúrgico. Trata-se de um roteiro que nos apresenta uma questão bastante presente na sociedade, principalmente nas últimas décadas quando os indivíduos transgêneros conquistaram maior visibilidade no discurso acadêmico: assim como na imagem que ilustra o pôster

do filme, qual o lugar do sujeito numa sociedade constituída por “homens” e “mulheres”?

Quando apresento esta problemática não me refiro unicamente a seres humanos sexuados, mas como esses sexos são expressos em identidades e papéis sociais. Parece fácil designar um corpo como macho ou fêmea, masculino ou feminino, mas a questão possui um alcance maior do que os olhos podem ver. Longe dos binômios aos quais as pessoas estão reduzidas –com base nas suas definições anatômicas– existem sujeitos, e nesses sujeitos identidades. É imprescindível levar em consideração este aspecto, de forma que a questão do indivíduo não deve ser colocada em segundo plano, principalmente quando os corpos não se encontram em regularidade com conceitos sociais reguladores, tais como os que controlam as concepções relativas ao campo da sexualidade humana.

Da mesma forma que a cena no pôster de *Transamérica* apresenta uma situação comum de questionamento com relação ao fenômeno dos transgêneros, os personagens principais do texto que segue proporcionam uma discussão importante e significativa quando se trata de analisar as formas de regulação do corpo a partir da dimensão do gênero. Assim como no filme, diversos indivíduos na vida real procuram seu lugar na sociedade, como se estivessem perdidos ou como se fossem exteriores ao meio em que vivem. As formas de viver o gênero na sociedade a partir do corpo são apresentadas sob binômios e categorias que findam por excluir outras possibilidades de existência, como no caso de travestis e transexuais. Sendo assim, o que vale a pena investigar –dentro da problemática que envolve a questão da subjetividade inscrita nesses corpos– é a maneira como a cultura produz e reproduz as marcas sociais presentes na inclusão e na margem onde as pessoas se encontram.

As idéias presentes neste artigo referem-se à produção social dos corpos de sujeitos, analisando significados e relações entre corporeidade, gênero e sexualidade a partir da experiência performativa das *drag queens*. Os questionamentos tomam forma partindo do entendimento desses indivíduos enquanto identidades dissidentes em todo um contexto social que abriga as maneiras de se expressar enquanto seres inteligíveis. Os pressupostos para tal premissa encontram-se enraizados nas concepções historicamente construídas em torno da discussão sobre corpos naturais, anatômicos, biológicos, e os sentidos culturais que lhes atribuídos através de diversas práticas, que englobam desde técnicas de educação até modos de reconhecimento. Nesse sentido, a linha de pensamento que acompanha as idéias discutidas no presente texto apresenta questionamentos sobre os processos de legitimação dos corpos e identidades, compreendendo as formas de construção representadas no corpo das *drags*.

São corpos estratégicos, identidades flutuantes, lugares e entrelugares de significação e (re)significação: ser transgênero oferece possibilidades, visibilidades ou simplesmente questionamentos que, de forma consciente ou inconsciente perpassam pelo corpo enquanto objetos ou como agentes de transformação social. O que se apresenta a seguir são, de forma geral, maneiras de se pensar relações entre problemas de gênero, corporeidade, políticas identitárias e sexualidade a partir do diálogo entre teorias antropológicas clássicas e discursos contemporâneos, para investigar as classes de pensamento em que essas categorias encontram-se sustentadas e verificar seus critérios de rigidez e mobilidades através da situação particular da experiência *drag queen*.

### 1. Entendendo o gênero, reconhecendo os corpos

Nas mais diversas sociedades humanas é possível encontrar padrões corporais e comportamentais que são responsáveis pela diferenciação sexual das pessoas. Ser homem e ser mulher assume significados distintos e relativos de uma cultura para outra, e essas diferenças são expressas através de posturas, costumes e principalmente da divisão social do trabalho. O antropólogo Pierre Clastres descreve a tribo guaiáqui, mostrando a oposição entre o arco e o cesto como elementos que servem para provocar tal diferenciação, limitando espaços que são reservados a homens ou mulheres: “cada um desses instrumentos é, com efeito, o meio, o signo e

o resumo de dois ‘estilos’ de existência tanto opostos como cuidadosamente separados” (1988:74). Nesse sentido, a divisão sexual a partir dos instrumentos delimita os espaços masculinos e os femininos dentro daquela sociedade e caracteriza os significados do que se entende por homem ou mulher.

Margaret Mead também investigou problemas de padronização sexual entre três tribos melanésias, os Arapesh, os Mundugumor e os Tchambuli. No estudo realizado, a antropóloga descreve a forma como tais sociedades associam características temperamentais masculinas e femininas, notando que traços de personalidade humana vinculados ao sexo são fatores de condicionamento social. Segundo Mead, entre as duas primeiras tribos não existe um contraste entre os sexos, as características de comportamento refletem os mesmos ideais tanto para as mulheres quanto para os homens. Entretanto, ao relatar sobre os Tchambuli, ela encontra uma inversão no que se refere às atitudes, sendo conferido ao sexo feminino o atributo de parceiro dominador e dirigente, enquanto que o sexo masculino se enquadra no perfil de subordinação, incluindo o aspecto de dependência emocional (1988:268).

O exemplo das tribos pesquisadas por Margaret Mead ilustra que “não há entre eles idéia de grau que declare alguns de posição social elevada e outros baixa, tampouco há idéia de diferenciação sexífera que proclame a necessidade de um sexo sentir diversamente do outro” (1988:274). A antropóloga destaca o fato de padrões diferentes de temperamento encontradas nas sociedades melanésias e faz um contraponto às sociedades norteamericanas no período, levando a questão para a categoria do relativismo cultural. Em contraste à noção de que determinados atributos são naturais a homens ou mulheres, a antropóloga da Escola de Cultura e Personalidade apresenta os grupos sociais diferentes de uma estrutura uniforme, mas comparando-os a “um mosaico, com grupos diferentes apresentando diferentes traços de personalidade” (272). Nesse sentido, ela atribui à cultura a capacidade de moldar as pessoas à determinada imagem (Mead, 1988:270).

Os estudos de Ruth Benedict (1972) sobre a identidade japonesa reforçam esse pensamento. As crianças orientais passam, desde o seu nascimento, por espécies de treino onde são aprendidos elementos da tradição do seu país, a partir de onde a personalidade e a identidade são moldadas a padrões culturais nacionais. Marcel Mauss observa essas formas de servir-se do corpo para a construção de

posturas, formas de agir de acordo com especificidades, por meio de “técnicas”. O sociólogo observa que o próprio termo designa “a obra da razão prática coletiva e individual, lá onde geralmente se vê apenas a alma e suas faculdades de repetição” (2003:404). Nesse sentido, as sociedades e culturas, através de suas educações e conveniências, também são fatores que determinam e explicam o caráter relativo em que elas estão inscritas.

Seguindo o pensamento de Mauss podemos perceber que os corpos são educados e repetidos de modo a assimilarem padrões de comportamento e personalidade, e principalmente gêneros. Nesse sentido, a historiadora Joan Scott (1990) fala de “gênero” para se referir às relações sociais entre os sexos, observando que ele “torna-se, antes, uma maneira de indicar ‘construções sociais’ – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres” (07), caracterizando-se pela imposição de categorias sociais a um corpo anatomicamente sexuado. Portanto, sobre o corpo natural é atribuída a ordem do que é considerado masculino ou feminino em uma sociedade, repercutindo na construção e reprodução de signos responsáveis por esta definição, tais como vestimentas, postura, divisão de trabalhos e papéis sociais.

As formas de categorização são práticas bastante antigas, como observa o historiador Thomas Laqueur (2001). O autor estuda a literatura médica a partir de uma linha cronológica, compreendendo concepções gregas clássicas ao pensamento do século XVIII, apresentando formulações sobre as diferenças sexuais do corpo e interpretações sustentadas na anatomia humana. Diante da crença milenar de um sexo único<sup>1</sup>, a visão bissexuada possibilitou uma abertura para a transformação do corpo de uma dimensão biológica para uma dimensão social. Sendo assim, como afirma a pesquisadora Linda Nicholson: “o ‘gênero’ foi desenvolvido e é sempre usado em oposição a ‘sexo’, para descrever o que é socialmente construído, em oposição ao que é biologicamente dado” (2000:9). Homem e mulher, masculino e feminino, macho e fêmea são dicotomias processadas historicamente a partir do reconhecimento de dois corpos sexuais e sociais distintos.

<sup>1</sup> Laqueur (2001) mostra o modelo de sexo único, quando o corpo feminino era comparado ao masculino a partir da genitália, considerando que as mulheres possuíam um pênis interno, ao invés de órgãos sexuais femininos, o que construiu essa visão unissexuada.

Donna Haraway fala da articulação do conceito de gênero seguido de uma teorização pelas feministas do pós-guerra, “desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta” (2004:211). Tomando como base o pensamento do antropólogo Claude Lévi-Strauss (1982) sobre a oposição entre natureza e cultura, as discussões desse movimento são norteadas por princípios marxistas, que analisam a condição da mulher na sociedade como indivíduos subordinados a uma dominação masculina presente nos esquemas de percepção, pensamento e ação responsáveis pela ordem social (Bourdieu, 2000). Como afirma Marilyn Strathern, o conceito de gênero é “facilmente relegado à interação masculino-feminina, esta por sua vez reduzida às preocupações das mulheres, e estas últimas, à domesticidade – sempre algo relativo a, compreendido na ‘sociedade’ e na ‘cultura’” (2007:73), o que representa o interesse antropológico pelas mulheres tomando as questões de gênero como objeto de estudo.

Esse campo de investigação amplia-se quando colocado num patamar que permite visualizações das categorias de gênero no mundo prático. Os modelos hegemônicos estudados pelo antropólogo Miguel Vale de Almeida (1995) nos ajudam a entender como as masculinidades são construídas e repetidas através dos processos simbólicos presentes nas estruturas sociais (Bourdieu, 2000). Tais estudos encontram sua base nas relações de honra e poder vinculadas ao gênero, que não somente ajudam a explicar as dicotomias que ocasionam modelos de subordinação/dominação presentes nos estudos feministas, como também nos servem para pensar nos fenômenos das violências de gênero. Há sempre uma oposição forte/frágil explicados de forma superficial pelo discurso essencialista, mas que encontram substância quando se passa a olhar para os espaços de sociabilidade onde esses traços são formados, seja no ambiente familiar ou social<sup>2</sup>.

O que se torna visivelmente significativo de entender nessas pesquisas é como tais modelos sociais estão presentes nas identidades e subjetividades individuais, levando em consideração os contex-

<sup>2</sup> Com relação ao ambiente familiar, eu me refiro às estruturas que predominam no momento de aprendizado do que seja ser menino/menina no contexto doméstico, quando a figura paterna passa a exercer maior influência sobre o filho, e quando a figura materna passa a ser modelo que deve se reproduzir através da filha. No quesito do ambiente social, os estudos de Almeida (1995) ilustram como diversos espaços de sociabilidade são responsáveis por criar/sustentar modelos de masculinidade fora do ambiente doméstico e como o universo feminino é relacionado a eles.

tos culturais onde são formados e as formas de aceitação ou recusa aos quais se sujeitam. Esse é um dos principais pontos que merecem ser abordados: não a forma como simplesmente as categorias de gênero são impostas sobre um corpo, mas a maneira como elas são sugeridas e, enfim, consumidas ou descartadas pelo indivíduo a partir do momento em que ele possui arbitrariedade para construir seu corpo e seus significados.

## 2. Subjetividades em jogo

O pensamento de Maria Luiza Heilborn nos fala que “a cultura (em sentido lato) é a responsável pela transformação dos corpos em entidades sexuais e socializadas, por intermédio de redes de significados que abarcam categorizações de gênero, de orientação sexual, de escolha de parceiros” (1999:40). A corporeidade é entendida aqui enquanto um dispositivo sobre o qual é atribuída uma série de signos que orientam o sujeito a uma série de práticas conscientes ou inconscientes que irá formar a sua imagem social e cultural. Nesse sentido, ao falar em gênero estaremos implicando, sobretudo, uma relação entre dimensões públicas e íntimas onde o indivíduo constrói a sua subjetividade, levando em consideração nesse processo a questão das identidades sexuais.

Entretanto, nem mesmo a definição sexual das pessoas se faz de modo arbitrário. Para o filósofo Michel Foucault, a sexualidade aparece como um dispositivo existente em um nível discursivo mediado por instituições de poder que “na ordem da economia da pedagogia, da medicina e da justiça incitam, extraem, organizam e institucionalizam o discurso do sexo, foi imensa a prolixidade que nossa civilização exigiu e organizou” (1988:34). Sendo assim, existe uma “verdade” que está nas mãos desses órgãos que utilizam o discurso para criar as regras e normas de aprendizado da sexualidade humana.

As formas de regulação do sujeito através da sexualidade estão presentes no momento em que se atribui gênero a um corpo e residem numa matriz de organização heterossexual, reduzida à função reprodutiva e à legitimidade do matrimônio. Sob forma de controle, essa lógica é responsável pelas dissidências explicadas pelo desejo, em que o indivíduo que não se encontra na ordem do discurso encontra-se à margem de seus papéis sociais, como por exemplo, os fenômenos de desigualdade de gênero. Na discussão sobre essas identidades, a filósofa Judith Butler se baseia na obra de Foucault para discutir sobre a constituição do sujeito a partir dos

mecanismos de poder quando entende que “as ‘pessoas’ só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de gênero” (2003:37), e dessa forma os espectros que não correspondem às formas generalizadas da heterossexualidade denunciam certa descontinuidade nos processos de coesão social, como no caso das minorias de orientação sexual<sup>3</sup>. A autora questiona ainda o caráter imutável do sexo, situando-o em um domínio pré-discursivo, anterior à cultura, como uma das formas de assegurar sua estabilidade interna e estrutura binária. Em outras palavras, as práticas reguladoras do sistema sexo/gênero podem ter origem antes mesmo do nascimento da pessoa<sup>4</sup>, e permanecem ao longo da vida através da repetição: “o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (59).

Compreendemos até aqui o ser humano enquanto um corpo condicionado às significações sociais atribuídas pela cultura. Enquanto natureza, sua neutralidade consiste no fato de ser um organismo biológico, sem predefinições, pois a partir do momento em que é reconhecido como ser vivo, ele passa a ser diferenciado sexualmente de outro corpo, quando adquire status de indivíduo e sobre o qual são definidas categorias sociais a fim de garantir coesão com normatividades estabelecidas pelas instituições de poder. Um corpo pode ser masculino ou feminino, homem ou mulher, macho ou fêmea. Assim como Margaret Mead observa em seu estudo com as tribos melanésias, o exemplo dos “inadaptados” serve para pensar nesses corpos que não se reconhecem dentro das categorias que lhes são impostas, alegando que existe um indivíduo desajustado socialmente, “cujo malogro no ajustamento deveria atribuir-se não à sua própria fraqueza e deficiência, não ao acaso ou à doença, mas a uma discrepância fundamental entre sua disposição inata e os padrões da sociedade” (1988:279).

O exemplo dos “inadaptados” de Mead mostra que os corpos que não correspondem à lógi-

<sup>3</sup> No discurso acadêmico, as minorias de orientação sexual se referem a gays, lésbicas e indivíduos trans, que compreendem travestis, transexuais, *drag queens* e outros fenômenos de metamorfose de gênero.

<sup>4</sup> Butler fala que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza: “ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual ‘a natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura” (2003: 25)

ca binária das categorias de gênero são considerados como desajustados, desviantes, incoerentes ou ainda estranhos, excêntricos, talvez ridículos, como sugere o termo queer, que denota a expressão pejorativa assumida por uma vertente dos movimentos homossexuais para caracterizar uma posição de contestação. A política queer<sup>5</sup> articula-se a uma produção intelectual ao redor dos anos 1990, com debates em torno da construção discursiva das sexualidades, e cujo principal expoente é o nome de Judith Butler. Através de procedimentos desconstrutivos, os teóricos desse movimento questionam e analisam a estabilidade de binarismos lingüísticos e conceituais arraigados na posição hetero/homossexualidade enquanto mecanismos de produção de sujeitos.

A historiadora e educadora Guacira Louro utiliza a metáfora de viagem para indicar possibilidades de deslocamento, trânsito, outras condições que o sujeito encontra para (re)significar-se: "efeitos das instituições, dos discursos e das práticas, o gênero e a sexualidade guardam a inconstância de tudo o que é histórico e cultural; por isso, às vezes escapam e deslizam" (2008:17). Porque a idéia de um território construído nas fronteiras dos mecanismos de poder anuncia estabilidade de corpos e desejos, relacionando sexo, gênero e práticas sexuais ao comportamento heterossexual. A autora observa que "esses sujeitos, freqüentemente, recusam a fixidez e a definição das fronteiras, e assumem a inconstância, a transição e a posição 'entre' identidades como intensificadoras do desejo" (Louro, 2008:20). Sendo assim, sugere-se que através do corpo seja possível também provocar a ambigüidade dos limites que normatizam a sexualidade humana, tendo na multiplicidade de identidades e de corpos fluidos a possibilidade de encontro com a diferença a partir de novas formas de cultura e conhecimento sobre o corpo, como fazem as travestis, transformistas e transexuais nas diversas metamorfoses de gênero.

### 3. Trânsitos e deslocamentos na experiência *trans*

O contexto dos indivíduos transgêneros é fortemente marcado por práticas de metamorfose corporal, baseadas na plasticidade para a produção de uma corporeidade dissidente à herança das categorizações de gênero responsáveis pela regulação

social. Butler entende a questão da travestilidade enquanto um problema de postura subversiva, evidenciada em uma performatividade que reflete as personificações mediante as quais são estabelecidos e naturalizados os ideais de gênero, do ponto de vista heterossexual (2002:325).

Tomar a prática da travestilidade como uma forma de subversão é possível através de uma situação relacional entre aquele a noção de corpo da matriz heterossexual e o corpo queer dos personagens trans. Nesse sentido, a transgressão consiste no deslocamento de gênero provocado a partir da experiência de metamorfose, uma vez que a normatividade estabelecida pelas estruturas binárias do sexo são questionadas na performance das identidades polimorfas. O pesquisador Tomaz Tadeu da Silva analisa essa condição de "cruzar fronteiras" e "estar na fronteira" para demonstrar que as identidades fixas<sup>6</sup> possuem um caráter artificial, estando o cultivo propositado de uma identidade ambígua ao lado de uma estratégia política de questionamento das formas em que são operadas e fixas as identidades sociais (2009: 89). Na experiência do hibridismo<sup>7</sup>, os sujeitos encontram na metamorfose dos seus corpos a oportunidade de se adequarem a seus desejos, assim como de denunciar a ilusão de corpos sexuados espontâneos, realçando a idéia de corpos fabricados.

Numa definição mais geral, ser drag é realizar uma representação performática de um gênero no corpo de um indivíduo de outro gênero a partir de técnicas de maquiagem e indumentária que incluem elementos de natureza postiça, relacionando-se sempre com os signos convencionados ao universo daquele gênero que está sendo performado. Portanto, a drag queen é o sujeito do sexo masculino que representa uma identidade "feminina" em um corpo efêmero, que pode ser montado<sup>8</sup> ou desmon-

<sup>6</sup> As identidades fixas apresentadas pelo autor denunciam a rigidez do sistema sexo/gênero que articula a produção de sujeitos a partir do binômio heterossexual, sendo que são identidades artificiais no momento em que elas são construídas nos processos de significação aos quais se submetem os corpos humanos, como já discutido anteriormente nesse texto.

<sup>7</sup> Utilizo a palavra hibridismo para me referir a travestis e transformistas, no sentido de que os seus corpos não se apresentam puramente masculinos ou femininos, mas sim misturados a partir das diversas práticas que os caracterizam, como a maquiagem ou os procedimentos hormonais e cirúrgicos aos quais se submetem.

<sup>8</sup> Montar é o termo que se refere ao processo de transformação do corpo *drag queen*, conhecido também como *female impersonation* nos estudos internacionais. Trata-se da fabricação de um corpo para a performance, através dos

tado de acordo com o desejo do performista, estando ao lado de drag kings que fazem a mesma atuação, desta vez sendo indivíduos do sexo feminino representando uma identidade “masculina” em performance. Utilizo esses termos entre aspas para questionar uma questão presente nesse universo: ao se apropriarem de elementos socialmente reconhecidos como femininos, estaríamos diante meramente da reprodução da imagem uma mulher?

Para pensar nessa questão, os estudos de Marcos Benedetti trazem observações sobre um feminino inventado no contexto das travestis: “é um feminino que não abdica de características masculinas, porque se constitui em um constante fluir entre esses pólos, quase como se cada contexto ou situação propiciasse uma mistura específica dos ingredientes do gênero” (2005: 96). Nesse sentido, as travestis possuem um gênero que é apenas pautado pelo feminino, pois se define por processos de negociação, reconstrução e resignificação. As suas práticas de transformação corporal estão inseridas não num desejo de “ser mulher”, mas num objetivo de “se passar por mulher”, mostrando-se atraentes e desejáveis aos olhos dos homens (104). Sendo assim, o autor afirma a presença de um feminino travesti que existe num caráter relacional, já que existe em função do gênero do homem, da mulher ou de outro travesti.

Sobre a transexualidade, a socióloga Berenice Bento destaca o desejo de atingir outra corporalidade, acessível apenas a partir da cirurgia de redesignação sexual, também conhecida como cirurgia de transgenitalização. A experiência do deslocamento entre transexuais se explica pelo fato de existir uma disputa entre o gênero com o corpo sexuado (2003:169), possibilitando conhecer um sujeito que não deseja apenas se expressar por um feminino, mas que, sobretudo, deseja estar feminino. E a respeito desse desejo, a autora esclarece que “para muitos/as não é o desejo de manter relações heterossexuais que as/os leva a fazer cirurgia. Muitas transexuais femininas se definem lésbicas e transexuais masculinos se definem gays” (165), o que nos permite desconstruir idéia de transexualidade como o desejo vinculado às práticas sexuais.

A pesquisadora fala, em outro momento, com relação aos personagens drag, fazendo uma análise sobre a questão da identidade de gênero, o principal elemento reivindicado pelas transexuais. No caso de indivíduos que não realizam processos

---

recursos artificiais, tais como peruca, próteses de espuma, salto alto e outros elementos do mundo feminino/drag.

cirúrgicos ou hormonais, a construção intencional dos corpos significa a busca por uma legitimidade dos trânsitos corporais e de gênero: “o corpo é utilizado como manifesto, como um lócus de produção de contra-discursos, de reinscrições à ordem de gênero” (2006:85). Sendo assim, o corpo drag constitui um artifício para confundir as fronteiras e embaralhar os símbolos que se apresentam enquanto marcadores de diferença entre o masculino e o feminino na experiência do corpo.

Sobre esses processos de diferenciação que estão claramente presentes nesse artigo, num discurso entre identidade, performance e desejo, e etnografia de Don Kulick sobre o universo travesti na Bahia nos oferece uma importante definição para ajudar a entender essas representações e particularidades do meio transgênero. De acordo com o pesquisador, “os hormônios estabelecem uma espécie de linha divisória entre as travestis de verdade (“travesti mesmo”) e os que as travestis chamam de ‘transformistas’.” (2008:83). O autor destaca o caráter diferencial dos corpos quando denomina que os transformistas possuem comportamentos masculinos durante o dia, mas que à noite se travestem para frequentar boates gays e apresentar performances e dublagens de cantoras famosas, enquanto que as travestis apresentam o corpo modificado em qualquer hora do dia, pois a transformação acontece de maneira mais radical, com o uso de hormônios e silicone.

Como podemos ver, os processos de diferenciação estão presentes através de uma relação entre utilização corporal, desejo e aspectos de transformação de gênero. Sendo assim, as drag queens diferenciam-se dos outros indivíduos transgêneros principalmente pela possibilidade de estarem “femininas”, sem que isso implique recusa definitiva à sua aparência masculina, que elas também se apropriam no momento da performance. A dissertação de Anna Paula Vencato nos localiza bem próximos a este universo, quando a pesquisadora tem acesso ao camarim de drag queens para acompanhar seus processos de transformação. A passagem entre dois corpos culturais (Maluf apud Vencato 2002: 39) media o desejo de tornar-se outro, uma personagem, e encontra na teatralização do gênero a possibilidade de trânsito, um deslocamento de uma vida social planejada no âmbito pré-discursivo em que opera a matriz heterossexual. Vencato descreve formas de construção de identidades drags a partir de recursos de maquiagem, apontando a diversidade de estilos presentes nesse universo, sendo essa “montaria” o processo que “dá os parâme-

tros para uma classificação –realizada primeiramente dentro do próprio grupo e depois levada ao público (...) É a montaria que as diferencia entre si, assim como performances narrativas e outras performances corporais. (2002:40)

É possível notar, nesse momento, que existe uma pluralidade dentro do universo drag responsável pela construção e negociação de identidades, que se mostra inserida também num contexto relacional: das drags com os gêneros (masculino/ feminino), como também com outros estilos de drag (da top-drag com a caricata e com outros estilos de montaria). Sendo assim, o corpo passa a exercer o papel de fronteira simbólica entre um mundo sexuado, uma cultura de gêneros e os fenômenos de deslocamento que se destacam dentro da experiência de corpos transgênero. “Seu próprio território é construído constantemente pelo movimento” (Peixoto apud Louro, 2008:21) e essa mobilidade é o que permite a essas pessoas encontrarem suas situações de existência, não somente porque o mundo no qual estão inseridos é construídos a partir de políticas de uma normatização heterossexual, mas porque esse é o lugar de encontro com as suas subjetividades, que assume a transitoriedade e se satisfaz com as justaposições e misturas (Louro, 2008:20).

#### 4. Considerações Finais

Ao se montarem, as drag queens atribuem um sentido metafórico ao seu corpo. Trata-se de um ser/estar masculino/feminino ao mesmo tempo, dividindo o mesmo corpo. O fenômeno drag nos permite estar diante de um corpo híbrido, marcado pela justaposição de signos convencionados por normas de gênero como pertencentes a seres do sexo feminino em um corpo masculino. A partir da transformação acontece não apenas uma mutação corporal, marcada pela plasticidade e pela efemeridade. A identidade do performista passa pelo mesmo processo, ao mesmo tempo em que a identidade do personagem vai se incorporando e se apropriando de voz e códigos gestuais que, embora performativos, podem definir uma relação com o seu intérprete.

A partir da imagem de um pôster de divulgação do filme *Transamérica*, os questionamentos sobre as relações entre corpo, gênero e sexualidade adquirem substância nesse texto, questionando o lugar, na sociedade, de indivíduos que encontram suas identidades no lugar do trânsito entre mundos sociais. A exemplo do transexual relatado, as discus-

sões atingem a reflexão sobre os padrões de personalidade, comportamento e expressão ao qual os sujeitos são submetidos, direcionados a processos de diferenciação sexual, de modo a garantir inteligibilidade no meio social.

Os estudos clássicos de Mead (1988), Clastres (1988) e Benedict (1972) são tomados como ponto de partida para entender como esses processos se tornam como aprendizados em diferentes sociedades, entendendo que se tratam de aspectos relativos a cada sociedade, e não como um evento essencializado à questão da natureza. Nesse percurso, as categorias de gênero passam a ser utilizadas como ferramentas de discussão por movimentos sociais e políticas de identidades, como o movimento feminista e a política queer.

O pensamento de Foucault (1988) nos ajuda a compreender como os mecanismos de poder instituem significados aos corpos a partir da existência de uma matriz heterossexual que organiza os corpos e regula suas práticas, considerando o próprio fenômeno da sexualidade como uma invenção desses dispositivos de poder no intuito de controlar a vida social. Seguindo essa linha, Butler (2002/2003) demonstra o caráter discursivo que os sistemas sexo/gênero são apreendidas pelos corpos sexuados, discutindo a natureza performática dos discursos que orientam os corpos às estruturas binárias do mundo sexuado.

Como espécies de trânsito e deslocamento dessas categorias, finalmente encontramos os indivíduos transgêneros, num diálogo mediado pelas relações entre corpo, gênero e identidade, em que são discutidos o caráter relacional em que se encontram os corpos de travestis (Benedetti, 2005), de transexuais (Bento, 2003) e de drag queens (Vençato, 2002), apresentando os processos de diferenciação entre eles e como constituem suas possibilidades de existência.

A partir da experiência drag queen é encontrada a situação de “livre trânsito”, marcada pela efemeridade de um corpo plástico e performático, que remete a questionamentos de ordem política e social. Nesse sentido, ser drag significa assumir uma pluralidade, não apenas de características relativas à aparência dos corpos, mas uma fluidez provocada por um corpo caracterizado pelo hibridismo, que adquire ressignificação no momento em que se localiza “entre fronteiras” de gênero. O corpo drag queen, mais que um corpo que dialoga com os gêneros, nos permite entender e questionar questões de identidade presentes no meio transgênero, que



englobam muitos outros indivíduos que podem ser incluídos nesse grupo. São oportunidades para reconhecer a lógica sob a qual funcionam os dispositivos de gênero e sexualidade e de se conhecer os fenômenos de metamorfose, que são tão curiosos e atípicos aos olhos humanos no senso comum.

## . Bibliografía

- ALMEIDA, M. V. (1995) *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século.
- BENEDETTI, M. (2005) *Toda feita. O corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond.
- BENEDICT, R. (1972) *O crisântemo e a espada*. São Paulo: Perspectiva.
- BENTO, B. (2003) "Da transexualidade oficial às transexualidades". Em: Piscitelli, A., Gregori, M. F. & Carrara, S. (Ed.) *Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond.
- \_\_\_\_\_ (2006) *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- BUTLER, J. (2002) *Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del "sexo"*. Buenos Aires: Paidós.
- \_\_\_\_\_ (2003) *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CLASTRES, P. (1988) "O arco e o cesto". *A sociedade contra o estado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FOUCAULT, M. (1988) *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- HARAWAY, D. (2004) "'Gênero' para um dicionário marxista". *Cadernos Pagu*, n. 22, pp. 201-246.
- HEILBORN, M. L. (1999) "Construção de si, gênero e sexualidade". Heilborn, M. L. (Ed.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Zahar Editor.
- KULICK, D. (2008) *Travesti. Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- LAQUEUR, T. (2001) *Inventando o sexo: sexo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1982) *Estruturas elementares do Parentesco*. Petrópolis: Vozes.
- Louro, G. L. (2008) *Um corpo estranho - ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica.
- MAUSS, M. (2003) "As técnicas corporais". *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.
- MEAD, M. (1988) *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Perspectiva.
- SILVA, T. T. (2000) "A produção social da identidade e da diferença". *Identidade e diferença – A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- SCOTT, J. (1990) *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. *Revista Educação e Realidade*, vol. 2, n. 16, Porto Alegre.
- VENCATO, A. P. (2002) *Fervendo com as drags: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina.

## .Referências Filmográficas

*Transamerica* (2005). Direção de Duncan Tucker. Estados Unidos. Intérpretes: Felicity Huffman; Kevin Segers; Fionnula Fanagan e outros. C2005. 1 DVD (103 min), widescreen, color. Produzido por Belladonna Productions LLC.

### Citado.

FAGNER DOS SANTOS, Joseylson (2011) "Meu nome é 'Híbrida': Corpo, gênero e sexualidade na experiência drag queen" en: *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad - RELACES*. Nº9. Año 4. Agosto-noviembre de 2012. Córdoba. ISSN: 1852.8759. pp. 65-74. Disponible en: <http://www.relaces.com.ar/index.php/relaces/article/view/160>.

### Plazos.

Recibido: 18/02/2012. Aceptado: 12/06/2012.